

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,  
um anjo torto  
desses que vivem  
na sombra disse:  
vai, Carlos!  
ser *gauche* na vida”

# Drummond

No meio do caminho tinha um poeta  
tinha um poeta no meio do caminho...  
Havia um poeta...  
Já faz dez anos...



Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: ACCÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA  
Um garimpeiro  
da arte popular



# O grande dia

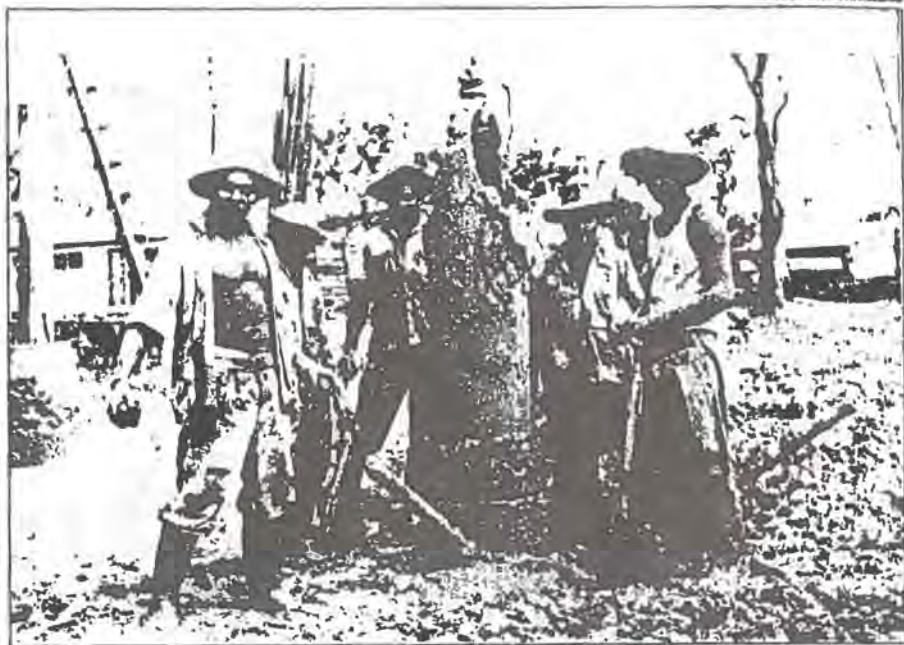
□ Manuel Mendes

Estamos, finalmente, às vésperas da mudança, no limiar do Grande Dia. A cidade se agita. Seu ritmo de trabalho, que já era alucinante, se acelera mais ainda. Não há dia nem noite. Em toda parte, gente trabalhando e trator fazendo barulho. Corre-corre, ordens apressadas e contra-ordens nervosas. Israel fica noites seguidas sem dormir. O "Viscount" do presidente Juscelino quase não sai do ar. Brasília começa a se encher de gente, dormindo em ônibus, nas casas dos amigos ou nos apartamentos ainda não ocupados.

A grande maioria dos brasileiros como que desperta para uma realidade em que não havia acreditado: Brasília vai mesmo se transformar na Capital do Brasil. Era o sonho secular, que vinha desde a Inconfidência Mineira, virando verdade.

Dia 20 de abril de 1960. Cinco horas de uma tarde magnífica. Começa o programa oficial da mudança da Capital, com a chegada do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. A primeira solenidade realiza-se no Palácio do Planalto, ainda cheirando a tinta fresca. Israel Pinheiro, o homem que tornou possível a construção da cidade, entrega ao presidente as chaves de Brasília, diante de centenas de candangos boquiabertos e de convidados oficiais.

As 19 horas, chega o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, Legado Pontifício. É recebido no aeroporto pelo presidente Juscelino e todos os Ministros de Estado e outras altas autoridades. Estamos a apenas cinco horas do dia 21 de abril. Operários concluem a armação de um altar na Praça dos Três Poderes, para a Missa Solene que marcará os primeiros minutos de Brasília como Capital do País.



São 23:30 horas. A Praça está tomada por milhares de pessoas. Às 23:45 o Cardeal Cerejeira, Legado Pontifício, inicia a Missa Solene. A emoção é intensa. Olhamos o relógio. Faltam poucos minutos para Brasília se transformar em realidade.

Meia-noite, ou um pouco mais. Os olhos estão cheios de lágrimas e não conseguimos distinguir os ponteiros do relógio. Elevação do Santíssimo. A banda do Corpo de Fuzileiros Navais executa o Hino Nacional. Acendem-se as luzes de Brasília e a Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios e Estação Rodoviária iluminam-se, de repente, sob a luz intensa de centenas de refletores.

O presidente chora. Choram muitos candangos. Choro eu também.

Brasília é a Capital!...

Aos 45 minutos, os alto-falantes transmitem, diretamente da Rádio Vaticano, de Roma, a saudação do Papa João XXIII. A solenidade termina e os candangos ficam por ali, andando devagar, como que embevecidos com sua própria obra, agora coberta de luz.

E o sono foi curto para o presidente Juscelino e para quase todos em Brasília, pois, já às 8 horas, a banda do Batalhão da Guarda dava o Toque de Alvorada. O presidente hasteia a Bandeira Nacional, no Palácio do Planalto, ao som do Hino Nacional, agora executado pela banda do Corpo de Fuzileiros Navais.

Meia hora depois, o Palácio do Planalto iniciava a rotina de sua vida

*Um grupo de candangos usava um bate-estacas para fazer as fundações de bloco residencial na SQS 206, em março de 58*

oficial, com Juscelino recebendo os cumprimentos dos Embaixadores em Missão Especial, no primeiro "Círculo Diplomático" da nova Capital!...

Às 9:30 horas, dá-se a instalação simultânea dos Três Poderes da República: Executivo, com reunião solene do Ministério, no Palácio do Planalto; Legislativo, com sessões solenes de instalação do Senado e da Câmara; Judiciário, com instalação solene do Supremo Tribunal Federal.

Às 10:15, Monsenhor Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, instala a Arquidiocese de Brasília e dá posse a Dom José Newton como primeiro Arcebispo da nova Capital!...

Às 11:30 todos se reúnem no plenário da Câmara dos Deputados para a primeira sessão solene do Congresso Nacional, com a presença do presidente da República, do Cardeal Cerejeira, dos Embaixadores em Missão Especial, Ministros de Estado e outras altas autoridades, visivelmente atrapalhadas com a solene cartola.

Terminada a sessão - por sinal muito rápida -, o presidente Juscelino é delirantemente aplaudido e carregado nos ombros, como herói, pelos parlamentares, ao longo do Salão Verde



da Câmara.

Finalmente, há um intervalo de algumas horas, no programa oficial, para almoço e um rápido descanso.

Mas tudo recomeça às 16:30 horas de uma tarde belíssima que, aos poucos, vai se transformando num entardecer cheio de nuvens e de cores, como se o próprio céu desejasse dar, também, a sua contribuição para aquela apoteose. Talvez tenha nascido daí a feliz idéia de nossa amiga Katucha que, escrevendo naquele dia sua primeira coluna social, no primeiro jornal da nova Capital, o *Correio Braziliense*, passou a chamar Brasília de "Cidade Céu".

O povo se concentra agora no Eixo Rodoviário Sul, na altura do Cine Brasília, para o primeiro desfile militar da cidade, seguido da mais emocionante parada que já vi em minha vida: o desfile dos operários, puxado por Israel Pinheiro e outros diretores da NOVACAP, entre eles Ernesto Silva, em vestes abertos, sob uma chuva de aplausos.

Atrás, em caminhões basculantes, os candangos, com suas roupas ainda sujas de barro, seguidos pelos tratores e outros equipamentos que ajudaram na grande tarefa, agora concluída.

Às 18 horas, quando mais bonito era o entardecer, entrava no Eixo Rodoviário o "Fogo Simbólico da Unidade Nacional" e as colunas militares que efetuaram, a pé, as marchas Salvador-Brasília e Rio-Brasília, numa homenagem das duas antigas Capitais do país àquela que acabava de nascer. O povo vibrava, cantava e chorava ao mesmo tempo. No alto, os aviões da Esquadrilha da Fumaça faziam vôos rasantes sobre o Eixo Rodoviário, agora tomado pela banda dos Fuzileiros Navais com suas precisas evoluções.

Pouco depois, a multidão deixa o Eixo e segue, a pé, para a Estação Rodoviária, onde, às 19:30 horas, tem início o impressionante espetáculo da queima de fogos de artifício. O céu, já cheio de estrelas, parece explodir em milhões de outras que chovem na terra vermelha, como num espetáculo das mil e uma noites. O candango sofrido e cansado vai às forras e participa de tudo com entusiasmo inebriante. Afinal, foi ele que fez a cidade que agora se inaugura.

Às 21 horas, a Estação Rodoviária está lotada para a festa popular que começa. Todos cantam e dançam como crianças felizes.

(Trecho do livro *Meu Testemunho de Brasília*).

# Volta ao Núcleo

## □ Ugo Buresti

Deixo o privilegiado ponto de observação dos episódios vividos daqui em diante, por serem corriqueiros, e volto ao Núcleo Bandeirante como ator de eventos curiosos ou até traumáticos.

A vida de candango continuava sem distrações, com muitas horas de trabalho, duro sacrifício num ambiente cheio de dificuldades. As recordações saem escavadas na memória, às vezes com toque de esportiva hilaridade, outras com vestígios de dolorosa experiência, sempre com orgulho de ter participado.

Uma vez acordei no meio da noite com areia me incomodando no lençol de baixo; me virei e revirei até que fui forçado a me dar conta daquele estranho fenômeno. Acendi a vela e qual não foi o meu espanto a ver a cama invadida por formigas, aquelas formiguinhas miúdas chamadas de doceiras. De onde tinham vindo? E por quê? Não sei.

Mas o pior aconteceu em outra oportunidade quando acordei com uma pontada no dedão do pé esquerdo. Dei um pulo, acendi a lanterna e fiquei horrorizado a ver uma enorme ratazana que corria apavorada batendo a cabeça nas paredes para procurar uma saída. Que podia fazer? Caçá-la? Nem pensar, naquela circunstância. Abri a porta para facilitar a vida do atrevido bichinho e limpei umas gotas de sangue com um pouco de álcool.

Em 1958 tinha iniciado no Núcleo Bandeirante o problema dos incêndios. Durante os meses de seca, quando em agosto e setembro a umidade do ar descia até 20%, os modestos barracos de tábuas eram uma presa fácil à primeira faísca de fogo; dava impressão que podiam queimar por autocombustão. Verdadeiras tragédias se repetiam e era uma correria para tentar apagar o fogo e ajudar os infortunados. Durante os anos seguintes o perigo tendeu a aumentar pelas construções clandestinas que ocuparam qualquer pedacinho de terreno, encostando um barraco a outro sem a mínima distância prescrita inicialmente.

Eu estava muito atento e preocupado, mas não fugi aos horrores do fogo.

Tinha deixado um metro de distância

do meu vizinho do lado oeste e três metros daquele do lado leste, onde, daí em diante, uma fila fechada de barracos chegava até o posto de gasolina do Berocan, no ângulo com a primeira travessa, a menos de cem metros de distância: um perigo latente de grandes proporções. Tinha à portada de mão os extintores de espuma (talvez era o único a tê-los, naqueles tempos) e durante o dia, de tanto em tanto, por precaução preventiva, ligava a mangueira à caixa de água e molhava as instalações minhas e dos vizinhos. Mas o fogo não perdoa quando se alastra impetuoso...

... sexta-feira, 17 de setembro de 1960, às 14 horas, estava no meu escritório quando ouvi o grito da terrível palavra:

- fogo ... fogo...

Surgia a fumaça dentro do restaurante três casas acima da minha, do lado oeste. Num relâmpago dei dois extintores a quem estava mais perto e fiquei com um, entrando com ele já acionado no restaurante. O fogo estava na cozinha e procurei segurá-lo alguns minutos; a chama era grande, mas insisti até que a fumaça me sufocou e saí cambaleando. Procuraram reativar a minha respiração com amplos movimentos dos braços, mas não tinha tempo a perder. Corri para minha casa desesperado. Já tinha muita gente em volta e imediatamente dei ordem de derrubar a casa e jogar todas as mercadorias possíveis na rua. Foi fácil jogar abaixo as paredes com poucos golpes de ombro porque eram feitas de painéis de madeirit; o telhado ruiu junto.

Salvamos muito material do depósito e do escritório, mas, como sempre acontecia naquelas trágicas circunstâncias, apareceram os gatos e roubaram vários objetos entre os quais, além do revólver, meu velho companheiro, os mais preciosos foram a minha moderna aparelhagem de filmar e todo o material fotográfico, novo e usado. Perdi o que considerava precioso, mas salvei o Núcleo Bandeirante de uma tragédia maior porque o fogo parou na grande faixa de separação de vinte metros de largura que abrimos. Vocês imaginam o que poderia acontecer se o fogo chegasse ao posto de gasolina?

(Trecho do livro *Reminiscências Soltas... (e até Líricas) de um Candango*).



# Autópsia de sombra

Hermenegildo Bastos nasceu em Salvador em 1944, tendo publicado os seus primeiros poemas nos jornais locais. Mudou-se para Brasília em 1966, atraído não só pela cidade como também pela idéia de uma universidade nova, um novo momento intelectual no país. Em 1967, publicou seu primeiro livro, a que deu o título de *A Dança* e a que se seguiram mais dois livros. Em 1975, publicou a primeira reunião de seu trabalho poético, a que deu o nome de *A Coisa Comum*, inspirado em alguns fragmentos de Heráclito. No segundo momento de sua poesia, publicou *Palames* (1985) e *Crítica do Desjuízo* (1990). É doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Sua tese sobre *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, será publicada pela editora da UnB.



É um truismo dizer que o poeta está preso à linguagem. Afirmamo-lo agora para realçar a qualidade desse liame no conjunto dos poemas deste livro: a *prison house* é aqui não o intransitivo da linguagem, palavras amarradas umas às outras e cada qual envolvida em seu halo semântico próprio, para dentro do texto, numa interioridade de mútuo espelhamento, reflexão de reflexo. Da prisão da linguagem transita o poeta para o mundo, porque no mundo está:

*Sua intimidade com o mundo é tanta que o anexa.*

A poesia se faz antes de tudo com palavras, esse segundo truismo que nos fez esquecer o que as palavras fazem - o agenciamento do sentido, chamando os particulares à existência - e a partir do que fazem - a totalidade do que existe, o mundo predelineado na linguagem. A linguagem já traz o mundo implícito; quando este da palavra extravasa, passamos do domínio da comunicação para o da ação verbal, poética. Poesia é a maneira de ter o mundo construindo frases ambíguas, equívocas e truncadas, às vezes, como as deste *Autópsia de Sombra*, por uma incidental diagramação do verbo haver pelos quantificadores universais, tudo e nada.

*Vão neste desenho / só coisas que há...*

*Há só tudo e mais não ...*

*As coisas que há ofertam-se à mão*

A insistência no emprego de *há* parece denunciar um secreto empenho de se economizar o *é* ou de driblá-lo, senão de

partilhar as competências. Mas haveria *poemas do ser e poemas do haver?* As coisas que há pairam soltas, entes e não entes, como uma criança ou o passarinho Juvenal. Mas haver também equivale a ter. E o que se tem anula-se como nada, que readmite o seu oposto positivo, o ser.

*Neste mato tem nada mas a ilha após a bomba.*

Em *Autópsia de Sombra*, o poeta mede os passos de sua prisão: é urna casa de teto e de soalho móveis, que se podem deslocar tanto para cima como para baixo; e estes são os limites finitos da *prison house*, tão elevada que pode abrigar tudo e tão reduzida que pode conter nada. Ele sabe, como Valéry, que dispõe de todo o possível da linguagem. E esse todo possível lhe permite falar de tudo e de nada, ou melhor, lhe permite falar de tudo falando de nada.

Dizia Goethe que para escrever em prosa é preciso ter alguma coisa para dizer: "Quem não tem nada a dizer, pode muito bem fazer versos e procurar rimas; nestas, uma palavra chama a outra e resulta finalmente não se sabe o que, que de certo não significa nada, mas parece significar alguma coisa".

Também se poderia escrever que Hermenegildo Bastos não tem só alguma coisa, mas tudo para dizer: o que fica aquém ou além de si mesmo, num movimento de vai-e-vem entre tudo e nada, e que significa o nada de tudo ou o tudo de nada, "a sombra de quem somos..."

Benedito Nunes  
Belém, outubro de 1997

## ESTANTE

### Crime Maldito

Antônio Pimentel, 1997



Se Luziânia já tem para com Antônio Pimentel o débito de uma participação decisiva na criação e instalação da Academia de Letras e Artes do Planalto, que há vinte anos vem prestando relevantes serviços à causa cultural do Planalto; se é verdade que lhe deve a iniciativa e direção dos encontros de historiadores do Planalto e de diversos cursos e seminários sobre o levantamento e preservação da cultura regional, passa a dever-lhe agora a grande contribuição que seu livro de contos, já preparado para o prelo, traz para a crônica do Brasil Central e do levantamento de lendas e mitos do seu passado multissecular.

### Receitas de olhar

RECEITAS DE OLHAR  
ROSEANA MURRAY

Roseana Murray, 1997



Este livro se parece com os de culinária. Em ambos há ingredientes. Nos de culinária os ingredientes

são palpáveis e costumam contar com a precisão das medidas. As receitas deste livro, em geral, não vão ao fogo e muito menos à geladeira. Não ensinam, sugerem. Falam das novas possibilidades, das esperanças, das descobertas dos gestos simples e delicados. Enfim, falam da vida e de suas inúmeras facetas captadas pelo olhar agudo da poesia de Roseana Murray.



**César Lacerda**

PTB



Brevemente estará sendo votado, na Câmara Legislativa, um projeto de lei de minha autoria que determina a inclusão de obras de arte nas edificações de

uso público do Distrito Federal.

Com isso, os prédios com área igual ou superior a mil metros quadrados terão de contar com uma obra de arte original (escultura, painel, mosaico ou similar) que integre o projeto do edifício, não podendo dele ser desmembrada.

Entretanto, somente poderão ser utilizadas obras de artistas residentes no Distrito Federal há, no mínimo, dois anos, ou inscritos no Cadastro de Entes e Agentes Culturais da Fundação Cultural.

**Daniel Marques**

PMDB



Cultura popular por excelência, o bumba-meu-boi é uma festa folclórica promovida e divulgada em todo o País. Há mais de três décadas, essa tradição

vem sendo mantida viva em Sobradinho, com reflexos em todo o DF. E, agora, graças à Lei nº 1.383/97, de minha autoria, a festa do bumba-meu-boi está incluída no calendário oficial de eventos do Distrito Federal. Isso significa que a festança promovida todos os anos pelo mestre Teodoro, um eterno apaixonado pelo folclore, em especial pelo bumba-meu-boi, terá todos os recursos, garantidos pelo GDF, necessários à montagem e à realização do espetáculo.

**Lucia Carvalho**

PT



Como parlamentar e educadora, tenho atenção especial ao ensino no Distrito Federal. Para dar incentivo aos educadores, tramita na Casa proje-

to de minha autoria que institui o prêmio Paulo Freire de Criatividade no Ensino Público do Distrito Federal. O objetivo da proposta é premiar os profissionais de ensino que desenvolverem projetos pedagógicos significativos para o desenvolvimento da educação pública local. Os três primeiros colocados receberão, além do diploma e da Medalha de Criatividade Paulo Freire, valores que variam de 10 a 5 salários mínimos.

**Peniel Pacheco**

PSDB



Quando apresento propostas voltadas para jovens, me preocupo em direcioná-las, de tal forma, que possam contribuir para a boa formação desse

segmento da sociedade. Foi o que aconteceu, recentemente, com a minha Lei nº 1.733, de 27 de outubro de 1997, que controla o uso de anabolizantes - drogas que aumentam a massa muscular de um indivíduo em pouco tempo.

Com a proibição do uso indiscriminado desses remédios, normalmente consumidos por menores de 18 anos, sem receita médica, quero estimular práticas desportivas saudáveis. Desta maneira, creio estar colaborando para a formação desses indivíduos, até então presos a modismos que em nada contribuem para o aprimoramento do ser humano.

**Marco Lima**

PSDB



Brasília sediou um importante acontecimento cultural: o 30º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Do dia 22 a 30 de novembro, a população brasiliense pôde prestigi-

ar o que há de melhor no nosso cinema. Foram exibidos 6 curtas e 12 longas-metragens. Os avanços são pequenos a cada ano, mas com certeza são progressos importantes e decisivos na evolução da cultura brasileira. Acredito que estamos bem próximos de um futuro promissor para o cinema brasileiro; por isso mesmo, quero parabenizar mais essa mostra de filmes e os atores que dela participaram e deixar claro que a Câmara Legislativa fará o que estiver a seu alcance para dar o devido reconhecimento ao cinema no Brasil, começando por oferecer maiores oportunidades de trabalho aos artistas de nossa cidade.

**Odilon Aires**

PMDB



E AGORA, JOSÉ?

Tomamos emprestado o trecho de Drummond de Andrade para refletir sobre o momento que vive o DF. Os problemas são muitos e acumulam-se em consequência da inoperância e incompetência administrativa de um Governo que, já no último ano de mandato, ainda não conseguiu explicar por que veio, nem convencer a maioria da população do DF. Os grandes programas, notadamente os relacionados com a área social, principal bandeira durante a campanha eleitoral, não decolaram, e os que o conseguiram estão perdidos no tempo e no espaço, como uma aeronave atingida por uma tempestade. Com um discurso político repleto de projetos teóricos, nem a tão decantada bolsa-escola conseguiu convencer que seria a solução milagrosa para resolver os problemas mais cruciais da educação na capital do país.



**Miquéias Paz**

PT



Este ano apresentei novos projetos para o setor cultural como o dos assentos especiais para obesos em ônibus e casas de espetáculos e o que cria o bônus cultural, ampliando a discussão sobre o fazer artístico. Viraram lei o Prêmio Candango de Cultura e a inclusão da Micarecandanga no calendário oficial da Secretaria de Turismo. O balanço para o setor é ainda mais positivo, quando observamos que as iniciativas do Legislativo encontraram ressonância no Poder Executivo. Durante o Governo Democrático e Popular a vida cultural de Brasília teve significativa ampliação, o que se deve ao esforço de desenvolver uma política pública mais ampla para arte e cultura.

**Marcos Arruda**

PMDB



No ano de 97, quatro leis de minha autoria beneficiaram a cultura do Distrito Federal. Todas já foram sancionadas. Três delas referem-se à construção de concha acústica nas cidades-satélites de Planaltina (Lei nº 1.628/97), Guará (Lei nº 1.687/97) e Ceilândia (Lei nº 1.688/97). A outra, de nº 1.776/97, autoriza a implantação de biblioteca pública no Lago Sul.

Com a construção das conchas acústicas, a população dessas cidades terá um espaço destinado à promoção de eventos culturais, artísticos e políticos e um local permanente para o lazer e o entretenimento. A biblioteca pública será vinculada à Administração Regional do Lago Sul, cabendo à Secretaria de Cultura e Esporte as providências relativas à sua criação, instalação e funcionamento.

**Geraldo Magela**

PT



A Lei de Incentivo à Cultura é um dos mais importantes frutos do meu mandato parlamentar. Funcionando como um mecanismo legal de difusão cultural à disposição do empresariado e da comunidade artística do DF, a lei nasceu da necessidade de se assegurar uma fonte permanente de recursos ao setor. Mesmo com uma razoável lista de projetos beneficiados, a lei ainda não é explorada em todo o seu potencial.

Muitos não sabem, por exemplo, que, além das empresas, as pessoas físicas podem fazer doações. Não custa lembrar que sobre o ISS e o IPTU podem ser abatidos até 20% do valor devido; sobre o ITBI, 5%. São percentuais significativos, que podem garantir um diferencial qualitativo à produção cultural.

**Adão Xavier**

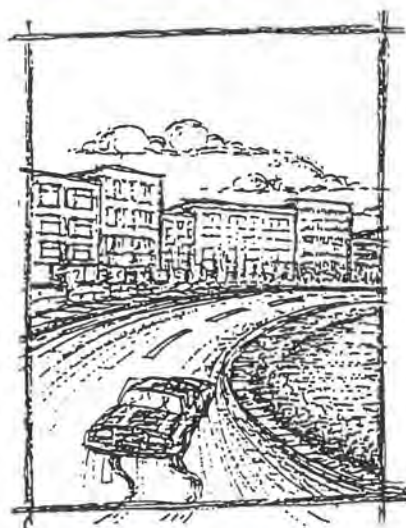
PPB



Apresentei à Câmara Legislativa projeto de Decreto Legislativo nº 219/97, concedendo o título de cidadã honorária à Maria Calmon Porto, presidente da Casa do Ceará.

Maria Calmon, colecionadora de placas, diplomas, medalhas de honra e uma longa lista de amigos, é, de fato, mais do que merecedora desse título.

Pelo pioneirismo e os relevantes serviços prestados à causa social do Distrito Federal, nada mais justo que a presente homenagem.

**A Saideira**

Quem bebe e dirige  
arrisca a vida de  
quem não tem nada  
com isso, de quem o  
acompanha e a própria.



PARE  
PENSE  
FIQUE VIVO



CÂMARA LEGISLATIVA  
DO DISTRITO FEDERAL  
Trabalhando Por Você.



pelo Clube de Poesia de Brasília, com poemas de 1957 a 1963, escritos no Rio de Janeiro e em Brasília. Com este livro, em que celebra o mar, de forma ambiental, e todos que estão próximo a ele, recebeu o Prêmio Antônio Botto, do IPASE.

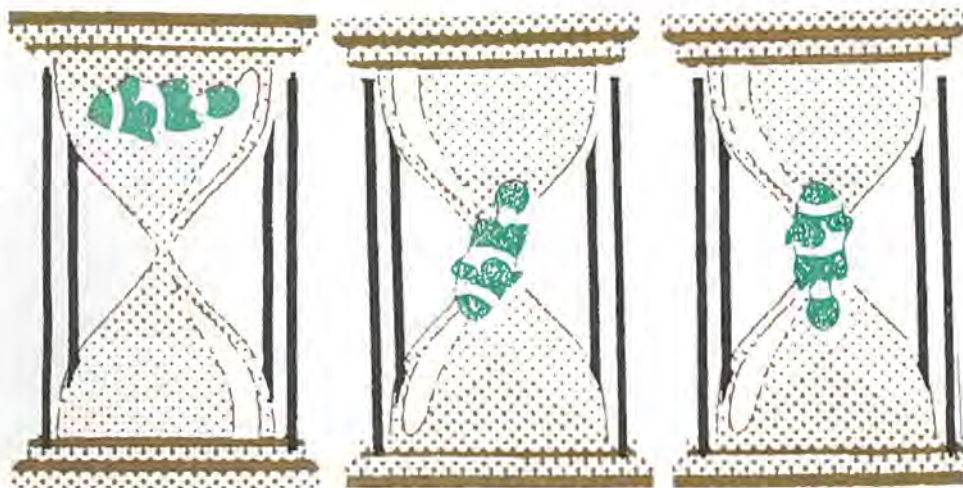
Em 1977, lança **Incomunicação** (poemas de 1957 a 1963) pela Editora Comunicação, de Belo Horizonte, em convênio com o Instituto Nacional do Livro de Brasília. Ganharia com ele o Prêmio Lupe Cotrim Garaude, da UBE-SP.

Como ressalta Alan Viggiano na "Apresentação", **Incomunicação** "pretende ser um estudo da humana angústia (...). A noite, a lua, a chuva, os túmulos são heróis dessa jornada".

O poema "Juízo Final" é bem significativo do sentimento de incomunicação e de solidão: *Fiquei no horrendo caos sobrevivente/ eu só. Tudo era morto. No alto as pálpebras/ das estrelas fechavam-se cansadas. / Chamei por mim, não pude eu responder-me. / Estava só na vida e sem mim mesmo. / A solidão gritava em meus sentidos / e o silêncio fluía-me nas veias. / Vivía a hora última e primeira, / em que o mundo acabava e erguia-se outro, / e pensei, vendo a aurora que nascia / para ninar no berço o mundo novo, / - incrédulo do dia a inaugurar-se - / se não seria eu o único morto.*

Com a mesma força poética se expressa nos sonetos: "Naquele tempo" - um *ubi sunt* - num misto de saudade bandeiriana e drummondiana, "Obsessão", "Platônicos" e "Soneto amargo".

**Exercícios de homem**, seu quarto livro de poesia, editado pelo Comitê de Imprensa do Senado Federal (Coleção



Machado de Assis), em 1978, traz-nos poemas de 1964 e 1967. Recebeu o poeta, com ele, os prêmios Alphonsus de Guimaraens, da Academia Mineira de Letras e Olavo Bilac, do Estado da Guanabara.

Segundo a grande poetisa Henriqueta Lisboa, "Os conceitos do Autor encontram forma adequada, indiretamente, numa linguagem analógica de sons, ritmos e metáforas de intensa vibração - testemunho de sua força imaginativa. É cuidadosa e eficaz, para a associação das idéias e ressonâncias, a escolha dos vocábulos, ora contundentes, ora puramente criativos: trevalume, anteluz, siderurgente, vitrígneos. Enquanto o texto se afirma como expressão do humano, prevalece a palavra como valor essencial do poético".

A problemática existencial detectada nos poemas dessa obra extrapola o plano do "eu" para o plano coletivo. É o homem em busca de seus limites, assustado com sua solidão (vide "Trevalume"), sabendo que não é Deus (vide "Que não somos deuses") e que é capaz de matar seu próximo, seu pró-

prio irmão ("Dos instrumentos de Caim" e "Mãos").

O homem agressivo, engolido pela engrenagem do mundo que o massacra neste século XX, envolvido numa Babel semântica (*As palavras gastam-se, oxidam-se de malícia e asco*), constrói sua torre de marfim que *fratura a sombra do outro que o ameaça*. Esse mesmo homem constrói bombas e deixará como testamento "Flores lívidas do medo!", numa época em que *A noite vem comer os despojos do sol./ Tingem-se as coisas de penumbra, logo treva./ Cerra-se da mulher amada o puro olhar./ E é como se outra estrela deixasse de brilhar.*

É hora de luta, de buscar a construção de um tempo de Homem.

**Cronoscópio** aparece em 1983 pela Civilização Brasileira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, englobando poemas de 1964 e 1969. Com esse livro, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia II, da UBE do Rio de Janeiro.

"O tempo, a renda das horas, o seu infundável novelo, o seu tricotar-se sem pausa no silêncio dos instantes na paisagem geral ou na aparente imobilidade de cada coisa, as muralhas da treva sempre mais altas que o salto da percepção consciente, a alma dos minutos pulsando como pássaros, a auscultação dos relógios como quem ausculta as raízes de uma árvore crescendo são", no dizer de





Moacyr Félix - outro renomado poeta -, "a matéria-prima dos versos de Anderson Braga Horta".

O escoar do tempo, no poema "Vazio", é bem refletido por aliterações (*Voam velozes, vazios, vagos, volúveis, os ventos, E vai a vida voando/ na vaga verde do tempo.*), com a mesma musicalidade de Cruz e Souza, em "Violões que choram" (Faróis).

Revoltam ao poeta a violência que mata o Homem, os muros que dividem o mundo e a não-punição de crimes por omissão ou descuido, enfim, tudo que assassina o homem antes mesmo de ele nascer. São pensamentos bem expressos em **A morte do homem**, dividida em cinco partes: I - Cabeça e Corpo; II - Os Muros; III - O Menino; IV - Rimance dos Inocentes e V - Notícia (que ressalta a mídia carregada de notícias sobre violência).

Sua consciência social aflora sempre em busca de salvar o mundo

(*Ocupa-me pensar como salvarei o mundo, como salvar a mim mesmo, preocupa-me um socialismo dos mais utópicos, principalmente preocupa-me o "Amarás o próximo como a ti mesmo", principalissimamente se o próximo é/ guerrilheiro do Vietnã, negro no Mississípi, flagelado no Nordeste ou, mesmo, a alguns quilômetros de mim.*)

O amor é, também, um tema recorrente em Anderson Braga Horta, aparecendo conceitualmente em **O amor**, em receitas - com resquícios de Vinicius de Moraes - como se vê em "Química Romântica" ou em visão inebriante da amada que dorme ("Dia nascendo em teus olhos") e até mesmo em redondilhas maiores, com sabor camoniano, sobre os olhos verdes da amada. Como amante, é o navegador dos descobrimentos *sem carta de marear*, buscando onde descer âncoras ("Descobrimento").

Questiona, ainda, em **Cronoscópio**, a inspiração, a criação do poema (*Para os olhos frios do poema, um exercício de amor:/ a difícil lição do mar:/ sua pureza elaborada/ de todas as impurezas*, p.75), a palavra e a linguagem, a metalinguagem e a intertextualidade.

**Cronoscópio** é, assim, um pequeno grande livro.

**O cordeiro e a nuvem** é uma antologia poética, contendo alguma coisa de **Altiplano e outros poemas**, de **Marvário**, de **Incomunicação** e também novos poemas, onde ressaltamos a "Elegia de Varna" (*Sinto que algo deixou de realizar-se em mim/ e esta falta grita e queima e consome, Sigo nau incompleta, vento coxo, canto falhado/ e despedaço as asas poderosas/ no abjeto cais das ânsias. Sinto que algo ficou irrealizado em mim/ e esta página branca invade o meu ser.*),

"Rocimpégaso" e "Perfil antigo".

Em 1990, brindou-nos o poeta com **O pássaro no aquário** (André Quicé Editor/ Comitê de Imprensa do Senado Federal, Brasília), dividido em dez partes: Eus & Outros Poemas; Perfil Antigo; Ciranda; Da Humana Angústia; Canto Alheio; Instantâneos; Rosa, Rosácea; Fragmentos da Paixão; Teilhardiana e O Pássaro no Aquário.

Em pleno domínio de sua habilidade artística, como poeta maduro que é, Anderson Braga Horta questiona-se, filosoficamente, como homem (*quem somos eu?! Sinto-me às vezes vós, um outro*), impotente para mudar a si mesmo (*De*

*meus torvos abismos, infecundo, estendo a mão aos céus do meu possível. Mas não tenho poder contra mim mesmo*).

Fica patente a dor do ser pensante, refletindo sobre todas as angústias de querer ser um ser diferente do outro que verdadeiramente é, aprendendo a se aprender, *aprendiz de homem, aprendiz de alma* (p.21).

A presença da morte é uma constante, como forma de *resgatar-nos/ do absurdo de existir* (p.48).

Mesclando poemas longos com outros bem curtos, utilizando-se dos metros mais variados, Anderson Braga Horta não perde nunca a força e a qualidade de seu fazer literário. Qualquer metro ou forma - quer livre, quer fixa - lhe serve, já que os domina plenamente.

Para nosso gáudio e honra escreve ele em português, mas lamento que sua língua materna seja um obstáculo para a divulgação plena de sua obra.

Estou certa de que Anderson B. Horta honraria qualquer literatura pela inegável capacidade poética de que é dotado.

